

## EUCLIDES E O RITMO

Jaime Bruna

Livro eloqüente e, sobretudo, nervoso, *Os Sertões*, obra de arte, só é degustado plenamente quando lido com arte. Entre as muitas excelências suas, desejo modestamente chamar atenção apenas para um aspecto do estilo — o ritmo, que, por trás da prosa pretensamente serena do engenheiro, traduz as palpitações agitadas dum coração de poeta.

Só lê bem *Os Sertões* quem os lê em voz alta; o texto é antes declamado do que escrito. Os efeitos plásticos são ali procurados quase linha a linha; daí a impressão de coisa retorcida, lembrando o cipó, longe da placidez retilínea dum Nabuco ou dum Machado de Assis. Nosso engenheiro não traçava a planta de templos dóricos, mas as fronteiras acidentadas de camadas sociais. Para a sua eloqüência, as palavras, desgastadas por séculos de uso, eram por demais inexpressivas; as sentenças, disciplinadas por séculos de gramática, despersonalizadas, bitoladas, não tinham todo o vigor de que ele necessitava.

Uma coisa nova, porém, andavam os simboistas explorando: o som. Os *cimbalistas*, como os alcunhava a malícia dos incréus contemporâneos, praticavam uma singular religião, mais do campanário do que do altar; adoravam a matéria sensível da palavra acima da substância do conteúdo, como os devotos que beijam o manto sem tocar no santo.

Floresceu essa escola poética numa idade privilegiada, dominada pelo culto da beleza sensível, a chamada *belle époque*, quando, parece, a alegria de viver esfuziava em delírios coletivos. Era o tempo das risonhas operetas, das valsas rodopiadas, das polcas saltitantes, das cálidas serenatas, dos passeios de caleça nas avenidas, do namoro nos quiosques. Sorria em tudo a presença do belo para os olhos e para os ouvidos; som e cor acordavam-se para embelecer a vida. Se aquela não foi uma idade ditosa, nunca houve no mundo uma que o fosse, pois jamais se cultivou a beleza com devoção mais fervorosa. Não se via janela tão tosca de casebre tão pobre, onde não florisse um vaso de gerânios.

Não creio, não crê certamente ninguém num aconchego de felicidade noutro ninho que não o da beleza.

Esse impressionismo cultivou Euclides da Cunha largamente em *Os Sertões*. Tomemos, para verificá-lo, aquela página de todas as antologias, o perfil do sertanejo:

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”

As duas proposições desse curto parágrafo contrastam-se pelo sentido. Cícero teria o cuidado de lhes dar extensão e cadência iguais. Quem se acostumou aos balanceamentos de Isócrates sofre um abalo ao verificar o desequilíbrio das duas sentenças: uma curta, incisiva, talhada a camartelo: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”; a outra, extensa e una, sem pausas, exaurindo o fôlego, com acentos que se sucedem cada vez mais distanciados: “Não tem — o raquitismo exaustivo — dos mestiços neurastênicos do litoral” Qual o efeito do contraste? Dar-nos, exatamente, na primeira proposição, a impressão dalguma coisa admirável, rija, dura, granítica — um menir; na segunda, a de algo lastimável, coleante, mole, gelatinoso — um molusco. Mas nada disso está nos termos, que são específicos, catados com pinça no vocabulário da ciência. Tudo aquilo está no ritmo. Este como que se repete logo adiante:

“Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.”

Ainda um ritmo a princípio rijo, negado por um *falta-lhe*, e depois uma cadência que descamba pejorativamente, descrevendo a aparência, que a seguir se nos apresenta “desgraciosa, desengonçada, torta”, refletindo “a fealdade típica dos fracos”, de “andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso”, aparentando “a translação de membros desarticulados” Fixemos a atenção no andamento das cinco últimas palavras. O tom vai decaindo para o fim do período; o derradeiro vocábulo — *desarticulados* — por si mesmo nada descritivo, nem onomatopaico, menos ainda poético, tipicamente científico, veicula, sem embargo da *secura*, a impressão de alguma coisa que se esboroa diante de nossos olhos, num admirável efeito plástico.

A força do ritmo é mais sensível páginas adiante, quando

“Segue a boiada vagarosamente,  
à cadência dum canto  
triste e preguiçoso.”

### Caminham os bois

“em ordem,  
lentos,  
ao toar merencório da cantiga,  
que parece acalentá-los,  
embalando-os com o refrão monótono.  
De súbito, porém,  
ondeia um frêmito  
sulcando,  
num estremeção repentino,  
aqueles centenares  
de dorsos luzidios.  
Há uma parada instantânea.  
Entrebatem-se,  
enredam-se,  
trançam-se e alteiam-se,  
fiscando  
vivamente  
o espaço,  
e inclinam-se e embaralham-se  
milhares de chifres.  
Vibra uma trepidação no solo;  
e a boiada estoura. ”

O ritmo aqui é simplesmente eletrizante. O primeiro período é longo, mas amarrado por um só verbo em modo pessoal; a atenção longa solicitada ao leitor e mais a ondulação do ritmo dão tempo a que os olhos da imaginação percorram toda a aglomeração da boiada. Vem em seguida uma frase curta, com apenas três acentos, onde se multiplicam as sílabas com *aa* e, sobre essa impressão estática, descarrega-se uma série longa de verbos, que são outras tantas curtas, numa sucessão rápida de movimentos desiguais, que são antes gestos. Por fim, a duas últimas frases do parágrafo, uma curta e outra curtíssima:

“Vibra uma trepidação no solo:  
e a boiada estoura. ”

Esse estouro vem *explicado*, em seguida, em palavras que o *definem*, num ritmo que no-lo *mostra*:

“É um solavanco único,  
assombroso,  
atirando,

de pancada,  
por diante,  
revoltos,  
misturando-se embolados,  
em vertiginosos disparos,  
aqueles maciços corpos  
tão  
normalmente  
tardos e morosos.”

Esta longa proposição única vem, até certa altura, entrecortada de pausas, a distâncias a princípio curtas, que se vão alongando, para culminar numa fieira ininterrupta de palavras, descambando em seguida, para encerramento, em ritmo mais descansado, em que se afastam os acentos: “*tárdos e morózos*” Examinados os termos, elas apenas *definem*, sem descrever; o que nos *mostra* a boiada estourada aproximando-se velozmente de nós, passando por nós e sumindo velozmente na distância, não são as palavras em seu significado, são os vocábulos em seu ritmo.

O efeito repete-se noutro exemplo pouco adiante:

“E sobre este tumulto,  
arrodeando-o,  
ou arremessando-se  
impetuoso  
na esteira de destroços,  
que deixa após si aquela avalanche viva,  
largado numa disparada estupenda  
sobre barrancos  
e valos  
e cerros  
e galhadas  
— enristado o ferrão,  
rédeas soltas,  
soltos os estribos,  
estirado sobre o lombilho,  
preso às crinas do cavalo  
— o vaqueiro!”

O sertanejo, que, a princípio, víamos a cavalo, numa rodaviva, em disparada na cola da boiada, ondulando com o terreno, subindo cerros, descendo valos, chega de repente bem adiante de nós, tanto que podemos ver os detalhes de sua figura, mas o seu vulto cresce rapidamente e rapidamente passou. Nada disso está nos significados;

tudo está nos efeitos do ritmo. “Enrestado o ferrão, rédeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso às crinas do cavalo” são palavras que não traduzem movimento; informam-nos, tão somente, da posição do cavaleiro; servem para descrever uma *estátua eqüestre*. A ilusão do movimento do vulto, o que a dá é o ritmo prodigioso da passagem, de início ondulante, depois entrecortado, crescente e desfechando, por último, o substantivo que denomina gramaticalmente o sujeito da oração, como se só então se identificasse a figura, mas já passando por nós como um meteoro.

Apenas uma passagem ainda, que não vamos reproduzir todo o livro. Nela, se as palavras dizem muito, se dão até a impressão de sons, o ritmo nos dá a da agitação duma tropa atacada de surpresa:

“E lá se vão, marchando,  
tranqüilamente heróicos.  
De repente,  
pelos seus flancos,  
estoura,  
perto,  
um tiro. .  
A bala passa,  
rechinante,  
ou estende,  
morto,  
em terra,  
um homem.  
Sucedem-se,  
pausadas,  
outras,  
passando sobre as tropas,  
em sibilos longos.  
Cem,  
duzentos olhos,  
mil olhos perscrutadores,  
volvem-se,  
impacientes,  
em roda.  
Nada vêem”

Estas pausas sucessivas, a curtos intervalos, estão seguramente reproduzindo a sucessão dos tiros e dos gestos, tão vivamente, que chegamos a sentir-nos lá, assustados, trepidantes, suspenso o fôlego enquanto e como o Autor o desejar.

Porque é pela magia do ritmo que ele se apodera do leitor e o deleita e tortura a seu bel prazer